

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IR AO CINEMA EM 1974
16 e 18 de abril de 2024

DAISY MILLER / 1974
(Daisy Miller – Uma Mulher às Direitas)

Um filme de Peter Bogdanovich

Realização: Peter Bogdanovich / Argumento: Frederic Raphael, baseado na novela homónima de Henry James / Direcção de Fotografia: Alberto Spagnoli / Direcção Artística: Ferdinando Scarfiotti / Guarda-Roupa: Mariolina Bono e John Furniss / Som: Basil Fenton-Smith e William G. Lindemann / Montagem: Verna Fields / Interpretação: Cybill Shepherd (Anna “Daisy” Miller), Barry Brown (Frederick Winterbourne), Cloris Leachman (Mrs Ezra Miller), Mildred Natwick (Mrs Costello), Eileen Brennan (Mrs Walker), Duilio Del Prete (Giovanelli), James McMurtry (Randolph Miller), Nicholas Jones (Charles), George Morfogen (Eugénio), Jean-Pascal Bongard, Albert Messmer, etc.

Produção: The Directors Company – Coppa del Oro, para a Paramount / Produtor: Peter Bogdanovich / Produtor Associado: Frank Marshall / Cópia: digital, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 91 minutos / Estreia em Portugal: Nimas, a 26 de Julho de 1977.

Daisy Miller situa-se bem no meio do fervilhante período inicial da carreira de Peter Bogdanovich, que entre 1971 (**The Last Picture Show**) e 1976 (**Nickelodeon**) estreou um filme por ano, num ritmo que nunca mais pôde repetir. Muito por causa da maneira desastrosa como esse período terminou, com rotundos flops (**At Long Last Love**, filme de 1975, logo a seguir a **Daisy Miller**, foi porventura o mais ribombante) a deixarem Bogdanovich quase completamente desacreditado junto da indústria americana. Se fizermos as contas chegamos a um resultado impressionante: de 1976 em diante Bogdanovich realizou, expressamente para cinema (portanto, excluindo telefilmes e participações em séries), mais coisa menos coisa o mesmo número de filmes que realizara até 1976...

Sem chegar aos extremos de **At Long Last Love**, **Daisy Miller** teve um acolhimento bastante tépido. Que, pelo menos parcialmente, não parece totalmente injustificado – sente-se em **Daisy Miller** uma diferença significativa entre o que se adivinha como intenção e o que se constata como produto dessa intenção. É preciso lembrar que a singularidade, ou um dos factores que para ela contribuía, de Bogdanovich no panorama da “geração de 70” do cinema americano e da chamada “nova Hollywood” residia justamente na sua relação com a “velha Hollywood”. Se esse relacionamento se verificava, e era importante, na generalidade dessa geração (em gente como Scorsese ou Coppola), Bogdanovich cultivava-o de maneira muito especial. Convivendo com os velhos mestres, estudando-os, filmando-os – é lendária a sua amizade com Orson Welles (que de resto se diz que Bogdanovich teria tentado convencer a realizar **Daisy**

Miller), e não esqueçamos um filme como **Directed by John Ford**. No fundo, a “nova Hollywood” só interessava a Bogdanovich como forma de olhar para a “antiga”, e até certo ponto, de a fazer reviver. Ninguém, na sua geração, cultivou tanto a revisitação do “filme de género” (e de maneira mais arriscada ainda, dos géneros “mortos”, como a “screwball” em **What’s Up Doc** e depois o musical no fatídico **At Long Last Love**) como Peter Bogdanovich.

No quadro dessa “singularidade” é curioso o aparecimento de um projecto como **Daisy Miller**, adaptação da homónima novela de Henry James. Sem fazer apelo directo a nenhuma lógica de género, o filme parece mesmo imbuído de uma vontade de balançar uma factura clássica com uma certa modernidade narrativa. Um “classicismo sofisticado”, como o do Orson Welles com que Bogdanovich teria sonhado para realizador? É possível, a julgar por aqueles planos iniciais (magníficos), em especial o primeiro, com um movimento de câmara que termina em absoluto contra-picado – eventualmente anunciando uma “mise en abime” da própria ficção? Jonathan Rosenbaum, em crítica da época, não teve dúvidas em entrever em **Daisy Miller** uma vontade de evocação dos **Magnificent Andersons**, algo que embora essa abertura, bastante wellesiana, pareça autorizar, talvez não seja totalmente confirmado pelo resto do filme. Mas Rosenbaum tem, ainda assim, bastante razão quando fala da involuntária superficialidade das “vérias” de Bogdanovich aos seus “mentores” – do miúdo tocador de harmónica (Ford) a, sobretudo, a rapidez e estilo insolente das falas de Cybil Shepherd (obviamente Hawks, mas com o sério problema de Cybil, razoável actriz e muito bonita, não chegar aos calcanhares de uma Katharine Hepburn).

Se há uma evidente vontade de “estilo”, que faz pensar que Bogdanovich se atirou a Henry James tanto pela letra ou pelo espírito da novela como pelo desafio de a adaptar, e ainda, por que não?, uma possível vontade de “diálogo” com o cinema europeu (o filme foi rodado “on location” nos sítios onde se desenvolve a acção da novela de James, Vevey na Suíça, e Roma), como o cinema de Visconti, por exemplo, esse é curiosamente o aspecto que permanece menos desenvolvido e menos interessante. O melhor de **Daisy Miller** (com excepção dos planos iniciais já referidos) é a sua sobriedade magoada, o balanço entre a leveza quase fútil dos joguinhos psicológicos praticados por Daisy (e também por Winterbourne) e a “gravitas” que as personagens vão adquirindo (o rosto de Winterbourne, o actor Barry Brown, progressivamente mais perdido e desamparado). Quanto mais “seco” e mais “ferido”, melhor – e a rapidez, quase elíptica, da doença e morte de Daisy (à seguir à sequência do Coliseu, talvez a mais notável de todo o filme) abre justamente algo de parecido com uma “ferida” na superfície do filme, como se o próprio filme fosse incapaz de prever que caminhava para aí. É a este nível, simples, directo, “modesto”, que **Daisy Miller** melhor trabalha.

Luís Miguel Oliveira